

Introdução

Uma investigação sociológica do tema “renúncia” apresenta um vasto material que chega dos primórdios da civilização moderna. O sociólogo alemão Max Weber encontrou os primeiros renunciadores nos “andarilhos gregos”. Também os encontrou entre os chamados “profetas de Israel”, os profetas éticos do judaísmo antigo aos quais ele se referia como “os primeiros homens que haviam logrado se libertar do “jardim mágico” onde toda a religiosidade primitiva se inseria (Weber,1999).

Em seu livro “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*” (2001), Weber observou que os reformadores protestantes, os chamados puritanos, adotavam uma conduta de vida baseada no ascetismo, renunciando aos prazeres mundanos na busca da salvação. Nas suas palavras, “Mesmo no umbral de seu aparecimento, o ascetismo já revelava sua face de Jano, de um lado, a renúncia ao mundo, e, de outro, o domínio do mundo em virtude de poderes mágicos obtidos pela renúncia” (Weber, 1982, p. 229).

Logo, na visão de Weber em “*Ensaio de Sociologia*” (1982) foram as primeiras formas de religião, por ele denominadas como “universais” como o confucionismo, o hinduísmo, o budismo, a cristã, o islamismo, que desde o começo da civilização constituíram-se em uma matriz de sentido e que conduziram o indivíduo à renúncia ao mundo em busca da sua salvação. Nesta busca da salvação, da cura e do sofrimento, o homem recorreu à diferentes formas de chegar a Deus. O cristianismo bem como as outras religiões foram constituídas em torno do sofrimento, um sofrimento ambigualmente aceito como benefício, como um modo de se obter de volta ou de se adquirir uma felicidade futura. A promessa de salvação oferecida pela religião remetia a uma “outra vida”, que seria um mundo espiritual pleno e verdadeiro – um mundo ideal. A vida terrena era considerada como inferior, apenas meio necessário para atingir a plenitude da vida espiritual. Para essa conquista, o indivíduo devia renunciar aos seus desejos o que o conduzia ao abandono consciente da família, da comunidade, além de uma drástica redefinição de sua vida pessoal por meio de uma disciplina de sacrifícios

e mortificações. Na Igreja, isso surge com os “votos” de castidade, pobreza e obediência, que obrigam a pessoa a abrir mão de sua individualidade: do prazer, da sua capacidade reprodutiva biológica e social; de seus interesses políticos, situando-o fora do seu mundo local.

A renúncia a todos os prazeres e o ideal de abnegação extremada eram realizadas em prol de uma “verdade” organizada pela religião ou nela inspirada. A religião, além de seu lado subjetivo, foi capaz de controlar e ao mesmo tempo libertar o indivíduo, condicionando-o a determinadas condutas esperadas pela sociedade.

Num trabalho pioneiro e original, o antropólogo francês Louis Dumont (1992;2000), no estudo comparativo que fez entre a sociedade de castas indiana e as sociedades ocidentais observou que na Índia, pela renúncia, um homem pode morrer para o mundo social, escapar à rede de estreita interdependência hierárquica do regime de casta e se tornar para si mesmo seu próprio fim tal como ocorre com os cidadãos no mundo Ocidental.

No contexto geral dessas idéias, o propósito deste trabalho é o de estudar o tema “renúncia”, mapeando as especificidades e as implicações da experiência de estar “fora-do-mundo”, ou seja, propõe-se investigar as vicissitudes morais daquele indivíduo que abandona instituições básicas de uma sociedade como a família, o Estado, o casamento, a religião, livrando-se de certas obrigações sociais e assume novos papéis, vendo-se conseqüentemente diante de outros constrangimentos morais.

Investigar esta temática implica em realizar dois questionamentos centrais, focando o estudo na sociedade brasileira.

Pergunta-se, então, o seguinte:

Como tipificar sociologicamente os renunciadores?

O que leva (ou obriga) um indivíduo a abdicar dos pilares básicos de uma sociedade como a família, a sexualidade, a individualidade, a vida profissional, o poder, etc. ?

Como eixo, propõe-se utilizar a obra de Euclides da Cunha “*Os Sertões*” (edição de 1984) utilizando-se da biografia de um renunciante modelar brasileiro, Antônio Vicente Mendes Maciel, o “Antonio Conselheiro”, protagonista de um movimento importante no Brasil ocorrido no final do século XIX, a “Guerra de Canudos” (1896-1897), aceitando a sugestão feita por Roberto DaMatta no seu

livro *“Carnavais, Malandros e Heróis”* (1987). A estratégia metodológica que será adotada é uma análise histórica e sócio-antropológica da genealogia de Antônio Vicente Mendes Maciel.

Assim sendo, o foco do estudo recai sobre a biografia de Antônio Vicente Mendes Maciel, a qual é submetida a uma leitura minuciosa e contextualizada. Isto significa que se pretende compreender o processo que levou Antônio Vicente Mendes Maciel a se transformar em “Antonio Conselheiro”. Com efeito, o período formativo de Antônio Vicente Mendes Maciel terá um peso decisivo para a compreensão deste trabalho.

“*Os Sertões*”, escrito por Euclides da Cunha em 1902 é certamente uma referência preciosa. Entretanto, optou-se por introduzir outros poucos autores, escolhidos por terem presenciado *in loco* os acontecimentos ocorridos à época em que viveu Antônio Vicente Mendes Maciel pelo fato de Euclides da Cunha ter sido enviado à cidade de Canudos já no final da guerra, e como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, com o propósito de escrever uma série de reportagens e preparar um livro sobre a Guerra de Canudos (1896-1897).

Dessa forma, a narrativa de Euclides da Cunha em “*Os Sertões*” (1984) se deu da sua relação com informantes que, no caso mais explícito tratou-se do coronel e advogado João Brígido dos Santos (1829-1921), amigo de infância e juventude de Antônio Vicente Mendes Maciel, também morador da cidade de Quixeramobim, tendo sido também seu colega de escola. Como historiador, João Brígido dos Santos escreveu o livro “*Ceará: homens e fatos*”, composto por dois textos: “*Araújos e Macieis*” e “*Antonio Conselheiro*”. Na referida obra, escrita em 1898 e republicada em 1999, o historiador dedicou um capítulo à sangrenta luta havida entre a família Maciel e a família Araújo, justamente na época do nascimento do nosso herói, Antônio Vicente Mendes Maciel.

Outro informante de Euclides da Cunha foi o capitão Manoel Benício Fontenelle, correspondente especial do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, que também cobriu como testemunha a Guerra de Canudos. Como correspondente de guerra, ele escreveu o livro “*O rei dos jagunços: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos*” que foi publicado inicialmente em 1899 e reeditado em 1997 no centenário da guerra de Canudos.

O historiador José Calasans também se faz importante para este trabalho. Calasans (1956; 1973; 1950) passou mais de quatro décadas pesquisando sobre o

tema, e enfocou Canudos sobre os mais diferentes aspectos: a biografia de Conselheiro, a guerra, a Canudos na poesia popular, a atuação do Exército, o messianismo e a composição social dos adeptos. Seus livros começaram a ser publicados na década de 50. Também, o jornalista e membro da Academia Cearense de Letras, Nertan Macedo (1929-1987) e o sociólogo e historiador cearense Abelardo Montenegro (1912-1995) foram consultados, entre outros. Além desses autores, há — obviamente — os informantes anônimos, o "povo do sertão", os remanescentes da guerra que também forneceram informações para Euclides da Cunha as quais ele mantinha numa caderneta de anotações. Buscou-se compreender em cada autor os dados biográficos que pudessem acrescentar maior número de informações à vida de Antônio Vicente Mendes Maciel.

Obedecendo esta lógica, pode-se afirmar que existem duas biografias de Antonio Vicente Mendes Maciel: a primeira delas, de natureza puramente histórica e oficial, presente no *corpus* estudado; e, uma segunda biografia, a “ficcional” encontrada em “*Os Sertões*” (1984), mais especificamente denominada de “Lenda Arrepiadora”. Percebe-se, assim, a existência de um viés “ficcional” ou “mitológico” na narrativa de Euclides da Cunha, que atravessa parte da biografia de Antônio Vicente Mendes Maciel. Porém, não se fará uso do termo *mito* em seu sentido trivial de “crença falsa ou imprecisa”. O “mito” que o povo sertanejo criou e que Euclides da Cunha imortalizou em seu livro, como uma “Lenda Arrepiadora”, deriva da imaginação popular que, a seu modo, explicita a temática capaz de dar conta da reviravolta dramática motivadora da saída de Antônio Vicente Mendes Maciel de sua comunidade, o seu vagar pelos sertões e, finalmente, o seu surgimento como profeta, renunciante e “conselheiro” que, no sertão funda uma coletividade de seguidores.

Para investigar a temática explicitada, este trabalho de dissertação encontra-se organizado em seis capítulos incluindo a Introdução.

No primeiro capítulo, “O Brasil à época”, apresenta-se uma perspectiva descritiva do lugar dos “sertões” (o norte) e a forma de vida dos sertanejos, em contraste com o “litoral” (o sul). Ilumina-se, assim, seguindo o viés euclidiano, como a distância entre estes dois pólos de um mesmo Brasil podem ser tão diferentes em sua estrutura e organização. O litoral abastado, seguindo modelos europeus, recheado de modismos e o sertão da miséria, da violência e do esquecimento. Assim como o lugar da obra euclidiana no Brasil do século XIX

dentre as transformações surgidas à época, transformações tais, como a passagem de um sistema monárquico para o regime republicano que chegou ao lado de idéias provenientes do modelo europeu que, por sua vez moldaram a capital da República, a cidade do Rio de Janeiro. Neste capítulo se apresentará um viés histórico, contextualizando a sociedade da época, bem como o autor e a obra.

A visão euclidiana na obra “Os *Sertões*” (1984), no capítulo dois, tem o propósito de ressaltar a intertextualidade da narrativa, assim como as minúcias com as quais o autor trabalha com o sertanejo como um tipo social. Da parte seguinte, o objetivo é discorrer sobre a biografia de Antônio Vicente Mendes Maciel, de modo mais minucioso, buscando compreender os acidentes de sua trajetória de vida.

O capítulo três, a “Lenda Arrepiadora”, (Cunha, 1984. p. 111) apresenta-se no cerne da investigação, à qual propõe-se buscar os motivos que levaram Antônio Vicente Mendes Maciel a abandonar sua sociedade original e tornar-se um renunciante, “morrendo” social e psicologicamente para ela e renascendo na nova comunidade que fundou.

No capítulo seguinte, o quarto, objetiva-se dar conta da passagem de "Antônio Vicente Mendes Maciel" para “Antonio Conselheiro”, explicitando em que consiste a “renúncia”; quais as suas características básicas, suas peculiaridades, como também os constrangimentos morais por que passam o renunciadores, acompanhando algumas idéias de Roberto DaMatta (1987). Outro referencial teórico imprescindível encontra-se, reiteramos, na obra de Max Weber (1982;1999; 2001), assim como na de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1977) na qual ela trabalha com o tema messianismo. A proposta é também deter-se em outros exemplos de renunciadores e em suas razões para escolher o caminho da renúncia.

Para trabalhar a idéia de individualismo serão adotadas as teorias de Louis Dumont (2000) e Roberto DaMatta (1987). Parte-se daí para a compreensão, da "ideologia individualista”, no capítulo cinco. O individualismo se torna importante porque, seguindo as idéias desses autores, é somente à partir de uma individualização muito forte que o membro de uma cadeia de laços sociais imperativos, se vê capacitado a abdicar de uma vida em sociedade rompendo com ela definitivamente. Como assegurou Dumont (2000), o indivíduo que escolhe o caminho da renúncia deve “bastar-se a si mesmo”.

Dentro do contexto do “individualismo”, a dialética *indivíduo/pessoa* será embasada teoricamente pelos mesmos autores: Louis Dumont (2000) e, sobretudo, Roberto DaMatta (1987). Com as idéias de Roberto DaMatta (1987,1999) percorre-se um vasto campo, colocando ênfase em seu livro “*Carnavais, Malandros e Heróis*” no qual faz uma interpretação estrutural da realidade social brasileira, assim como seu estudo publicado na revista *Mana* sobre os temas da “*Liminaridade e da Individualidade*” (DaMatta, 1999).

Diante dessas possibilidades, embora utilizando-se de poucas entre tantas vertentes reflexivas que Roberto DaMatta oferece, num primeiro plano dentro deste capítulo e, utilizando-se de um viés comparativo, o objetivo é fazer aproximações entre dois tipos renunciadores: “Augusto Matraga”, baseada na leitura antropológica que fez Roberto DaMatta do personagem do livro de João Guimarães Rosa (1978) e Antônio Vicente Mendes Maciel, mostrando também a passagem dos dois personagens da categoria sociológica *pessoa* para a de *indivíduo*, passagem esta que se dá pela experiência da renúncia.

O sexto capítulo tem como objetivo estudar a forma pela qual Antônio Conselheiro e seus fiéis seguidores construíram sua “nova sociedade”, a cidadela de Belo Monte, a futura Canudos, como uma sociedade em paralelo ao sistema social brasileiro, cumprindo, assim, uma nova *missão*.

A subseção 6.2 se dedicará a traçar algumas breves considerações acerca da Guerra de Canudos (1896-1897) e finalmente, as principais conclusões deste trabalho de Dissertação de Mestrado e as Referências Bibliográficas.